



POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA LITERATURA INFANTIL NEGRO-BRASILEIRA COMO POTENCIALIZADORA DAS IDENTIDADES DA CRIANÇA NEGRA: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA AFROCÊNTRICA

Adeilma Queiroz da Mota

E-mail: adeilmamota1521@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar as possibilidades pedagógicas de dois livros de literatura infantil negro-brasileira (Mulheres Abayomi de Adilson Passos e Betina de Nilma Lino Gomes) e como eles podem ser possibilitadores da afirmação da identidade e autoestima das crianças negras que estão inseridas no espaço escolar, mas também fora dele. No decorrer da escrita, faço uma discussão mais detalhada de conceitos que estão presentes no título do artigo quais sejam literatura infantil negro-brasileira, o porque deste termo e não outro; identidades negras e pedagogia afrocêntrica enquanto caminho teórico-metodológico. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico a partir de minhas vivências enquanto educadora. As narrativas de ambas histórias infantis, possibilitam ao leitor negro e não negro, experiências múltiplas, múltiplos olhares e (re)afirmação das identidades. As narrativas protagonizam personagens negros, a África e suas culturas de maneira muito positiva. Entretanto, sabemos que a representação por si só não garante a positivação da identidade, sobretudo se o trabalho for realizado em momentos pontuais como as datas comemorativas, mas sabemos que este é o caminho e a pedagogia afrocêntrica vem para somar ao que propõe a lei 10.639/2003.

Palavras-chave: Identidades negra. Literatura infantil negro-brasileira. Pedagogia afrocêntrica.

INTRODUÇÃO

"Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona"
Frantz Fanon - *Pele Negra Máscaras Brancas*, pg. 191, 2008.

É com esta frase de Fanon (2008) que inicio esta escrita, faça sempre de mim a mulher que questiona o currículo que está posto na escola, que questiona a prática pedagógica desenvolvida na escola, que questiona a minha própria prática pedagógica no que se refere principalmente às questões raciais: como posso contribuir para o fortalecimento da identidade e autoestima de crianças negras? Como posso enfrentar, com meus alunos, o racismo que opera no cotidiano da escola ora veladamente ora abertamente? De que modo posso contribuir para que as crianças tenham consciência de si e do outro e enquanto diferentes possam respeitar-se e ao outro? Que literatura infantil tem sido apresentada na escola? São vinte anos da promulgação da lei 10.639/2003 e o que eu tenho feito para sua efetivação? É, sobretudo, este último questionamento que tem me impulsionado a repensar o meu papel de educadora

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
& Projetos em Educação

16 a 19 de agosto

capaz de proporcionar aos meus alunos letramento racial e, conseqüentemente, terem suas identidades positivadas.

A experiência docente ao longo destes sete anos atrelada à minha consciência e identidade racial consolidada na universidade, à condição de mulher negra, às experiências racistas vivenciadas na escola na condição de aluna, mas também enquanto espaço de atuação profissional, conduziram-me à temática. Nesse caminhar foram muitos erros na tentativa de acertar, muitas dores e dissabores até chegar, em 2022, através do perfil no instagran da Niní Kema Náyó, o @liteafroinfantil, que me apresentou com muita sensibilidade a Pedagogia Afrocêntrica enquanto caminho teórico-metodológico e essencialmente de reencontro com minha ancestralidade. A partir deste momento, passei a investir na autoformação e na compra de livros infantis afrocentrados de autoria negra, não obstante surgiu o tema deste trabalho.

Assim, meu objetivo principal dentro da sala de aula tem sido apresentar aos alunos e alunas uma literatura infantil protagonizada por personagens negros (as) e escrita por autoras e autores negros de modo que eles/elas reconheçam a si e ao outro enquanto crianças negras, e se vejam representados nos materiais didático-pedagógicos que levo para a sala de aula.

Partindo desse pressuposto, escolhi dois livros de literatura infantil “Betina” da autora Nilma Lino Gomes e “Bonecas Abayomi” de Adilson Passos. Os livros fazem parte do meu acervo pessoal, foi uma escolha intencional a partir das narrativas que são tratadas nos livros pensando a estética e o cabelo como elementos basilares na positivação da identidade bem como a representação feminina para os povos africanos além das bonequinhas abayomi como representação da cultura para meninos e meninas e, portanto, importante elemento de reafirmação da identidade das crianças negras.

Ambos os livros são uma rica possibilidade de diálogo e de letramento racial para as crianças na medida em que trazem abordagens positivas sobre a diversidade racial brasileira, contribuem para minimizar o racismo e outros conflitos existentes dentro das escolas. São referências positivas para se espelhar dentro e fora da escola uma vez que as crianças se veem representadas neles. “A representatividade negra nas escolas é, portanto, o ponto de partida para o fortalecimento dessas identidades” (JESUS, 2019, p.93).

É importante destacar que esses livros são apenas provocadores, pois sozinhos, sem uma ação efetiva do educador, eles não cumprem esse papel. Mais adiante trarei algumas possibilidades pedagógicas de trabalhar esses livros na sala de aula.



DESCORTINANDO CONCEITOS

Neste tópico faço uma reflexão acerca dos conceitos vitais presentes no título do texto, quais sejam literatura infantil negro-brasileira, identidades negras e pedagogia afrocêntrica.

Tomamos como referência a literatura negro-brasileira proposta por Cuti (2010), para quem a auto-identificação com o termo negro não é um exercício nada fácil em um país como o nosso extremamente racista, que mais invisibiliza e silencia a população negra. É uma literatura escrita por homens negros e mulheres negras com letramento racial e sabem o quão tensa são as questões que permeiam o ser negro. É uma literatura que liberta, bem como uma literatura que empodera.

A concepção de identidade negra é aqui apresentada na perspectiva de Nilma Lino Gomes (2005) ao abordá-la

[...] como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (p.43).

É essa identidade que quero (re) afirmar em meus alunos, que eles olhem a si mesmos e se vejam como crianças negras. Ainda de acordo com Gomes (2005), a identidade é construída nas relações que são estabelecidas, ela não é inata. Falo de identidades no plural por representar uma diversidade de sujeitos com características, costumes modos de viver-produzir distintos.

A pedagogia afrocêntrica, por sua vez, nasce com os estudos de Molefi Kete de Asante na década de 80 ao publicar o livro *Afrocentricidade* (1980). A Afrocentricidade não anula ou nega a educação ocidental ao contrário ela vem reforçar o perigo de uma história única¹ e utiliza “os preceitos culturais africanos para pensar o processo educativo e sua relação com o ser humano” (MADHUBUTI, 1990, p.4). Ela coloca os africanos e os saberes ancestrais como sujeitos do processo. A pedagogia afrocêntrica é necessária porque a supremacia branca continua em vigência; é necessária porque o currículo, a proposta pedagógica da escola continua eurocêntrica; é necessária porque em qualquer lugar do universo em que negros e brancos estiverem juntos, continuaremos a ser ameaçados e ameaçadas pela supremacia

¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



branca; por fim, e não menos importante, a pedagogia afrocêntrica é necessária porque ela é capaz de proporcionar uma educação que contribua para alcançar a identidade, a autoestima, a autoconfiança, a autodeterminação, o orgulho, a equidade, poder, riqueza e continuidade do legado cultural do povo preto na África ou na diáspora.

3 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DOS LIVROS INFANTIS BETINA E MULHERES ABAYOMI

A lei 10.639/2003 instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares do ensino fundamental e médio. Entretanto, vemos uma distância latente entre o que diz a lei e como ela se efetiva na prática.

A literatura negro-brasileira é um caminho eficaz de efetivação da referida lei, mas está nas mãos dos professores e professoras pensar esse fazer; uma vez que a legislação aponta o caminho, mas não diz como será feito e não aponta como será a formação docente para o trato com a lei 10.639/2003. Outro fator a ser considerado é que muitos docentes ainda não conhecem a lei mesmo com seus 20 anos de existência, a questão que se coloca é: como trabalhar com o que não se conhece? A Formação continuada, seja no ambiente de trabalho ou fora dele, é essencial e não pode prescindir de boa vontade política de estados e municípios, deve ser condição *sine qua non* de efetividade da lei 10.639/2003.

Para tanto,

[...] faz-se necessário o entendimento dos professores sobre questões raciais, para que possam planejar suas aulas visando desenvolver propostas de atividades que fomentem discussões, e assim, possam discutir sobre direitos de igualdade, respeito às diferenças e contribuir para o (re)conhecimento identitário de seus alunos (OLIVEIRA, 2017, P.3).

É tarefa da escola possibilitar aos estudantes o (re)conhecimento identitário, é tarefa da escola discutir sobre as questões raciais, sobre o respeito às diferenças assim como inclusão, diversidade. Silenciar tais temáticas é assumir a posição do colonizador e reforçar que o currículo brancocêntrico é o ideal.

Partindo deste pressuposto, apresento neste tópico algumas possibilidades pedagógicas dos livros infantis *As Mulheres Abayomi* de Adilson Passos (2022) e de *Betina* (2009) da autora Nilma Lino Gomes para o fortalecimento da identidade e autoestima das crianças

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
& Políticas em Educação

16 a 19 de agosto

negras, a partir das minhas vivências em sala de aula e dos processos autoformativos que me dispus a fazer. A proposta aqui pensada destina-se a crianças a partir de 08 anos de idade, portanto, do 3º ao 5º ano das séries iniciais do ensino fundamental, público que trabalho desde que iniciei na docência. Porém, é facilmente adaptadas às crianças menores.

O primeiro motivo da escolha dá-se ao fato de que ambos os livros apresentam o protagonismo de crianças negras e são de autoria negra, fator importante para que as crianças se vejam representadas nas narrativas que são lidas e contadas na escola, que elas percebam que a autoria negra também é espaço para elas ou para pessoas pretas. A criança negra precisa sentir-se parte do currículo escolar na medida em que os livros infantis, as brincadeiras, os brinquedos contam suas histórias, histórias da África, dos cabelos, da cultura, da ancestralidade africana. Em ambos os livros, a crianças já começaram ter letramento racial.

O livro mulheres abayomi tem como inspiração as mulheres, a cultura africana e as pequenas bonecas negras abayomi. O livro conta a história dos povos abayomi que em iorubá significa encontro feliz, traz o protagonismo das mulheres e a importância da divisão de tarefas entre homens e mulheres não apenas no lar, mas nas tomadas de decisões importantes para a comunidade. Narra o significado da confecção das bonequinhas abayomi, como elas contribuem para a valorização da identidade negra, da resistência e da autoestima do povo brasileiro, um referencial positivo para o imaginário infantil.

Como possibilidades pedagógicas de trabalhar o livro pode-se começar a explorar pela capa, o título, a imagem, apresentar uma breve biografia do autor, explicar o significado da palavra abayomi, narrar a história fazendo questionamentos com as crianças a cerca do que vai acontecendo na história: por que as mulheres estavam insatisfeitas? Por que será que o chefe da comunidade não aceitou o questionamento delas? Quais as atribuições das mulheres de suas famílias? O que elas fazem? O que aconteceu quando os homens da comunidade foram à guerra? Como será que eles irão reagir quando souberem que as mulheres se organizaram e lutaram contra os invasores? Qual foi o desfecho da história? Vocês gostaram do final da história? Que outro final dariam a esta história? Realizar com as crianças uma oficina de bonecas abayomi², reforçando que quando doamos uma abayomi estamos doando

² As **Abayomi** são [bonecas de pano](#), criação original de [Lena Martins](#), artista e artesã natural de [São Luís do Maranhão](#). A boneca foi criada na década de 1980, em oficinas que Lena fazia então com comunidades do [Rio de Janeiro](#). Lena Martins era educadora popular e militante do *Movimento de Mulheres Negras*, que procurava na arte popular um instrumento de [conscientização](#) e [sociabilização](#). Assim, foi Lena Martins a artista quem criou a

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
& Projetos em Educação

16 a 19 de agosto

um pouco de nós, estamos doando amor, afeto e tantos outros sentimentos bons que estão dentro de nós, solicitar que as crianças doem entre si as bonecas que elas confeccionaram de maneira que ninguém fique sem trocar de boneca (esta atividade reforça o olhar positivo para o outro, o cuidar de si e do outro, a afetividade, o respeito...), pode-se propor uma pesquisa sobre o protagonismo das mulheres africanas ou também das mulheres da vida das crianças, realizar o projeto “Me conte sua História” em que as mães/mulheres dos alunos são convidadas a virem à escola contar suas histórias de vida, quais seus sonhos e projetos; a construção de um pequeno glossário de palavras de origem iorubá presentes em nosso cotidiano, as vestimentas, os tecidos africanos e os penteados a partir da observação das imagens contidas no livro, dentre outras possibilidades.

O livro *Betina*, por sua vez, narra a história de Betina uma menina negra que tem seus cabelos cuidados e trançados por sua avó, cada dia um penteado diferente que reforça nela sua beleza e autoestima, fala de ancestralidade e de saberes produzidos de geração em geração. Deste modo, “Betina simboliza a imagem positiva da criança negra” (JESUS e MACÊDO, 2021, p.6)

O livro inicia a história com Betina brincando de pular corda, as possibilidades pedagógicas começam por aí; experienciar a brincadeira e tantas outras de origem africana e que se fazem presentes em nosso dia a dia, contar a história para as crianças no pátio da escola, dialogar com elas sobre o assunto do livro, deixar que elas falem sobre seus cabelos e como gostam de arrumá-los (a escuta é fundamental para compreender o que pensam e sabem e também para desenvolver a oralidade como um importante valor civilizatório africano).

O cabelo é um dos principais elementos de afirmação de identidade da população negra e é, também, o símbolo representativo do desafio enfrentado pelos sujeitos num espaço em que ainda prevalecem os padrões de beleza europeus. O ato de ir a um salão de beleza nos leva a ver que o afrodescendente busca não só uma mudança estética. Junto a isso, existe – consciente ou inconscientemente – a tentativa de recuperação de sua autoestima, além da construção e reafirmação de sua subjetividade e

boneca sem costura e sem cola, que mais tarde recebeu o nome de Abayomi - dado pela própria Lena por ocasião do nascimento do filho de uma amiga sua - que, se fosse menina, se chamaria Abayomi - Lena, achou o nome lindo e não quis desperdiçá-lo - dando-o à boneca de sua criação. Logo, outras mulheres, e várias gerações, vindas de vários movimentos sociais e culturais, aprenderam com ela, juntaram-se e fundaram no [Rio de Janeiro](#) a *Cooperativa Abayomi*, em dezembro de 1988, dando continuidade ao trabalho desde então. (disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abayomi> acesso em: 02/06/2023)



identidade negra frente a uma sociedade que o subjuga (PEREIRA, 2019, p. 2).

O cabelo é um elemento de afirmação da identidade negra em uma sociedade que tem como modelo de beleza os padrões europeus. Assumir o cabelo é mais que estética, é posicionamento político e identitário, é elemento que demarca a negritude e tudo que decorre dela.

Neste aspecto, Gomes (2005, p.43) destaca que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)”. Esse é o desafio que se coloca para as escolas, ser agente possibilitador da identidade e autoestima da criança preta.

Com o livro *Betina* é possível também, propor uma atividade em que as crianças serão convidadas a se olhar no espelho para contemplar sua beleza, já dizia a avó de Betina “você vai trançar o cabelo de toda gente, ajudando cada pessoa que chegar até você a se sentir bem, gostar de si, sentir-se bem e feliz do jeito que é, com o seu cabelo e a sua aparência” (GOMES, 2009,p.16), pode-se propor pesquisas ou palestra sobre as diferentes tranças africanas e seus significados, assistir ao documentário “Memórias trançadas” de Luane Bento, realizar o dia do trançado na escola para que as crianças possam vir para a escola de cabelos trançados, realizar atividade relacionando os saberes matemáticos por detrás das tranças; realizar jogo da memória com diferentes tipos de penteados. No livro, *Betina* abre seu próprio salão de beleza, pode-se simular com as crianças um salão estimulando o afroempreendedorismo, o que é preciso para abrir um salão, situações envolvendo dinheiro, o que é investimento, o que é trabalho.

O trabalho com os dois livros visa a valorização da estética e a autoria negra, entendendo a identidade como um processo político imbricado de relações de poder que precisam ser interrogadas para o reconhecimento do outro. “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, 2014, p. 97). Constituímo-nos a partir desse Outro que é diferente de nós.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



16 a 19 de agosto

A escola é um espaço que atua na reprodução de estereótipos sobre o corpo, a estética, o cabelo negro, mas ela é essencial para a superação destes. Assim a formação de professores é a condição primordial na promoção de uma educação afrocentrada e antirracista.

CONCLUSÃO

Raro é o sonho que começa e acaba na mesma noite. A verdade não está num só, mas em muitos sonhos.

Provérbio africano.

Faz parte deste sonho uma escola afrocentrada e antirracista em que as diferenças sejam dialogadas, faz parte deste sonho um mundo sem preconceito de cor. O presente trabalho intitulado “possibilidades pedagógicas da literatura infantil negro-brasileira como potencializadora das identidades da criança negra: contribuições da pedagogia afrocêntrica” tem como objetivo central apresentar as possibilidades pedagógicas de dois livros de literatura infantil negro-brasileira (Mulheres Abayomi e Betina) e como eles podem ser possibilitadores da identidade e autoestima das crianças negras que estão inseridas no espaço escolar, mas também fora dele.

As narrativas de ambas histórias infantis, possibilitam ao leitor negro e não negro, experiências múltiplas, múltiplos olhares, (re)afirmação das identidades. As narrativas protagonizam personagens negros, a África e suas culturas de maneira muito positiva. Entretanto, sabemos que a representação por si só não garante a positivação da identidade, sobretudo se o trabalho for realizado em momentos pontuais como as datas comemorativas, mas sabemos que este é o caminho e a pedagogia afrocêntrica vem para somar ao que propõe a lei 10.639/2003.

Muitos são os desafios colocados à escola, neste caminhar, mas sabemos que ela tem papel preponderante na re(afirmação) da identidade e autoestima da criança preta. É preciso compromisso político de todos que fazem a educação e sonham com um mundo em que as diferenças dialoguem.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASANTE, Molefi Ketii. **A ideia afrocêntrica em educação**. Revista sul-americana de filosofia e educação – RESAFE. Tradução 2019.

BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em: 11 dez. 2019.

Cuti (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. – (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

FRANTZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

JESUS, Marcele Neres de; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. **Literatura infantil: valorizando a cultura afrobrasileira**. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 8, n. 9, p. 1-15, maio, 2021.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial das identidades negras: uma narrativa autobiográfica**. CEFET/RJ, 2019.

MADHUBUTI, Haki; MADHUBUTI, Safisha. **Educação afrocentrada: seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento de crianças negras**. (originalmente publicado em 1990) traduzido por Roberta Maria Frederico.

MAZAMA, Ama. **A afrocentricidade como um novo paradigma** (2009)



OLIVEIRA, Keila de *et al.* **Literatura Infantil e Letramento racial crítico: uma breve análise teórica.** 2017.

PASSOS, Adilson. **As Mulheres Abayomi.** Salvador-BA: Passos Artes, 2022.

PEREIRA, Rafaela. **Corpo, cabelo e identidade.** Literafro, jan, 2019.